

# Fenômeno Impostor, Comparação Social e *Cyberloafing* em Redes Sociais de Graduandos em Ciências Contábeis

Alison Martins Meurer

<https://orcid.org/0000-0002-3704-933X>

Flaviano Costa

<http://orcid.org/0000-0002-4694-618X>

## Resumo

**Objetivo:** O Fenômeno Impostor (FI) é, de fato, um mecanismo psicológico que tem ganhado destaque na literatura nacional e internacional devido às suas múltiplas consequências e interações. A partir de indícios de um possível relacionamento com variáveis relativas à comparação social e ao uso das redes sociais, este estudo buscou analisar a relação entre o nível do Fenômeno Impostor e o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas mediadas pela Orientação para a Comparação Social (OCS) de estudantes de graduação do curso de Ciências Contábeis.

**Método:** Os testes ANOVA e Modelagem de Equações Estruturais (MEE) foram conduzidos com o apoio de 502 participações obtidas via survey entre estudantes brasileiros de Contabilidade.

**Resultados e contribuições:** Os resultados apontaram que há diferenças significantes a partir do nível do FI para as dimensões de habilidades e opiniões da OCS, bem como para o *cyberloafing*. O modelo relacional indicou que, apesar de haver relações diretas e significantes entre o FI com a OCS e o *cyberloafing*, não se pode afirmar que a OCS medeia essa relação. Esse resultado indica que a OCS propulsiona os efeitos do FI sobre o *cyberloafing* praticado durante as aulas em redes sociais. Observar essas variáveis no âmbito das políticas de ensino e nas metodologias dos docentes apresenta-se como uma das principais contribuições e reflexões do estudo.

**Palavras-chave:** Fenômeno Impostor; Orientação para a Comparação Social; *Cyberloafing*; Estudantes de Ciências Contábeis.

Editado em Português e Inglês. Versão original em Português.

Rodada 1: Recebido em 15/9/2023. Pedido de revisão em 6/11/2023. Rodada 2: Resubmetido em 4/12/2023. Aceito em 5/12/2023 por Bruna Camargos Avelino, Doutora (Editora assistente) e por Gerlando Augusto Sampaio Franco de Lima, Doutor (Editor). Publicado em 30/9/2024. Organização responsável pelo periódico: Abracicon.

## 1. Introdução

O Fenômeno Impostor tipifica pessoas que se qualificam como fraude intelectual e que atribuem o seu sucesso à sorte, ao acaso, ao trabalho árduo ou por conhecerem pessoas influentes, evitando atrelar o sucesso ao próprio talento e inteligência (Clance, 1985).

Por sua vez, no contexto universitário, o *cyberloafing* caracteriza o uso da internet e de aparelhos eletrônicos para fins de distração (Baturay & Toker, 2015; Blanchard & Henle, 2008; Kim & Byrne, 2011; Yaşar & Yurdugül, 2013). Conjectura-se que o *cyberloafing* possa ser maximizado pelos padrões comportamentais do ciclo do impostor, visto que a Teoria do Uso Compensatório da Internet (TUCI) apregoa que o *cyberloafing* é adotado como uma estratégia de enfrentamento e compensação de emoções negativas geradas por situações estressoras (Kardefelt-Winther, 2014). Fassl *et al.* (2020) afirmam que o trabalho árduo e a dedicação extrema consubstanciadas no ciclo do impostor acarretam níveis mais elevados de estresse, relacionando esse comportamento à adoção do *cyberloafing*, o qual também corporiza a autossabotagem e o protelamento de compromissos elencados no ciclo comportamental daqueles que sofrem com Fenômeno Impostor (Fassl *et al.*, 2020; Ramm, 2019).

Estudos indicam que a forma mais comum de *cyberloafing* no ambiente universitário consiste no acesso às redes sociais, como o Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e WhatsApp (Meurer & Costa, 2021; Müller *et al.*, 2020; Yaşar & Yurdugül, 2013). Além disso, Ramm (2019) e Fassl *et al.* (2020) apontam que as redes sociais são ideais para operacionalizar a comparação social entre pessoas que possuem níveis mais intensos de FI.

A comparação social é verificada empiricamente a partir da Orientação para a Comparação Social (OCS), pautada na necessidade inata de realizar comparações de habilidades e opiniões de terceiros, a fim de obter feedbacks sobre como aprimorar estas mesmas características (Fassl *et al.*, 2020; Gibbons & Buunk, 1999). A comparação social tende a ser mais intensa em pessoas com baixa autoestima e que sofrem de níveis mais elevados de estresse (Gibbons & Buunk, 1999). Tem-se a preocupação da OCS ser afetada por níveis mais intensos de FI e maximizar o *cyberloafing*, à medida que o FI é designado na literatura como um precedente da baixa autoestima e do estresse (Fassl *et al.*, 2020) e pode ser um incentivador da comparação social (Clance, 1985).

A Royal Society for Public Health (2017) adverte que a comparação social nas mídias sociais pode aumentar a ansiedade e a sensação de inadequação social. Isso é particularmente relevante para estudantes de Ciências Contábeis, frequentemente caracterizados como introvertidos, menos comunicativos ou que possuem apreensão em se comunicar (Lima *et al.*, 2021; Roberts *et al.*, 2022). Essas características os incentivam a usar as redes sociais em busca de apoio e relacionamentos no mundo off-line (Cramer, Song, & Drent, 2016; Meier, Esmatyar, & Sarpong, 2019).

No âmbito profissional, Kuselias *et al.* (2021) mostram que a obtenção e a avaliação de provas de auditoria é prejudicada quando auditores visualizam *posts* de experiências gratificantes de outras pessoas. Por outro lado, quando o conteúdo remete a aspectos profissionais há um ganho na qualidade do trabalho. Esses achados reforçam a relevância da temática para além do processo de formação universitária, a qual abrange o campo de atuação profissional.

Ainda no âmbito organizacional, é importante considerar que o FI afeta o comportamento dos líderes organizacionais, sendo mais prevalente entre aqueles que ocupam cargos gerenciais. Embora seja possível abordar os fatores contextuais do ambiente de trabalho para minimizar os efeitos do FI, é durante a fase educacional que tais sentimentos são profundamente enraizados. Considerando que a geração de estudantes de Contabilidade atual, será ou auxiliará nos próximos anos os líderes das organizações, antecipar a observação desse processo durante a formação educacional pode resultar em benefícios substanciais para a minimização do FI (KH & Menon, 2022).

Apesar de encontrar indícios na literatura, há ainda uma lacuna latente de estudos que abordem sentimentos impostores mediante a OCS. O fluxo informacional disposto nas redes sociais é um elemento atrativo para viabilizar as comparações sociais. Apregoa-se que a OCS realiza uma mediação na relação existente entre FI e *cyberloafing* nas redes sociais, visto que há evidências que apontam para essa possibilidade (Lee, 2014; Vogel *et al.*, 2015; Vogel *et al.*, 2014). Logo, o objetivo da pesquisa consiste em analisar a relação entre o nível do Fenômeno Impostor e o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas mediadas pela Orientação para a Comparação Social de estudantes de graduação do curso de Ciências Contábeis.

É intenção desta pesquisa auxiliar no processo de conscientização dos discentes sobre o uso responsável das mídias sociais, visto que o *cyberloafing* está atrelado ao desempenho acadêmico, à desmotivação dos discentes e à frustração dos docentes (Baturay & Toker, 2015). A pesquisa contribui para o mapeamento de variáveis atreladas ao *cyberloafing*, uma vez que a literatura aponta que aulas pouco engajadoras com metodologias tradicionais figuram entre os elementos que incentivam esse comportamento durante as aulas (Alt, 2017; Meurer & Costa, 2021).

Ao investigar estudantes de Ciências Contábeis, busca-se contribuir com o processo de formação dos profissionais dessa área à medida que o FI, a OCS e o *cyberloafing* afetam o desempenho desses profissionais (Kuselias *et al.*, 2021; KH & Menon, 2022).

## 2. Desenvolvimento das Hipóteses e do Modelo de Pesquisa

O Fenômeno Impostor foi apresentado à literatura científica pelas pesquisadoras Dra. Pauline Rose Clance e Dra. Suzanne Ament Imes em 1978. Clance e Imes dedicaram meia década ao estudo e à observação de um grupo de aproximadamente 150 mulheres bem-sucedidas, com alto nível de formação em diversas áreas, reconhecidas academicamente, respeitadas profissionalmente, e que possuíam altas crenças de incapacidade intelectual, não experienciando internamente o senso de sucesso, sendo manifestados sentimentos de impostorismo e de fraude intelectual.

Pesquisas recentes passaram a observar distintos grupos sociais em diferentes ambientes e regiões, contribuindo para a popularização da temática (e. g. Chassangre & Callahan, 2017; Houseknecht, Roman, Stolfi, & Borges, 2019; Meurer & Costa, 2020; Pulliam & Gonzalez, 2018). Apesar do FI ter sido cunhado na década de 1970, nota-se, desde 2010, um crescimento exponencial no número de investigações acadêmicas e textos de literatura popular que tratam da temática (Bravata *et al.*, 2020).

Esse volume crescente de pesquisas tem contribuído para a discussão das características comportamentais ocasionadas por sentimentos impostores, as quais foram introduzidas por Clance e Imes (1978) e Clance (1985) e sintetizadas por Clance e O'Toole (1987). Em meio aos padrões comportamentais e psicológicos dos impostores, tem-se a superestimação das habilidades dos outros e a subestimação de suas próprias habilidades (Clance & O'Toole, 1987). Chayer e Bouffard (2010) indicam que esse padrão comportamental é operacionalizado a partir do mapeamento das habilidades e opiniões alheias, que permite aos que possuem sentimentos impostores não apenas ter uma base para uma autoavaliação desconexa da realidade, mas também um meio de reproduzir e reforçar as crenças impostoras. Logo, a superestimação das habilidades dos outros e a subestimação de suas próprias habilidades são o principal padrão comportamental do FI que pode ser vinculado à OCS.

O termo comparação social foi introduzido na literatura por Festinger (1954) ao postular que as pessoas possuem um impulso inato em realizar autoavaliações sobre si perante os outros. Posteriormente, ao identificar que os processos de comparação social podem se diferenciar quanto ao direcionamento e à frequência, Gibbons e Buunk (1999) propuseram o conceito de Orientação para a Comparação Social, que preconiza que a comparação social pode ser orientada para a comparação de habilidades ou de opiniões próprias perante terceiros. A OCS direcionada às habilidades consiste em uma comparação de desempenho, com uma perspectiva de classificação relativa, na qual o indivíduo identifica se possui habilidades superiores, inferiores ou iguais às de terceiros. A OCS voltada às opiniões é pautada nas comparações de crenças, pensamentos e valores, em que a pessoa analisa com uma lente de precisão consensual, ou seja, se concorda ou discorda do que é observado (Liu, Elliot, & Li, 2020).

No contexto educacional, a comparação social viabiliza a obtenção de *feedbacks* que auxiliam os estudantes a estruturarem e definirem as suas aspirações e objetivos, bem como a avaliarem o seu desempenho (Chayer & Bouffard, 2010). Há evidências de que a comparação social é adotada de forma mais frequente por aqueles que apresentam níveis mais elevados de estresse e de insegurança acerca de suas habilidades e opiniões (Chayer & Bouffard, 2010; Festinger, 1954). À medida que o FI implica no aumento do nível de estresse e de inseguranças, é pertinente propor que uma maior tendência de sentimentos impostores em níveis mais intensos induz a adoção de comportamentos voltados à OCS (Fassl *et al.*, 2020).

Além disso, desde a formulação do FI por Clance e Imes (1978), a comparação social figurou como um padrão comportamental realizado perante os pares para potencializar os sentimentos de inadequação dos indivíduos. Outra evidência que conduz a esse relacionamento é o fato do perfeccionismo, por vezes adotado por pessoas com sentimentos impostores (Clance, 1985), ser consolidado a partir de comparações sociais ascendentes (Ramm, 2019).

Chayer e Bouffard (2010), Ramm (2019) e Fassl *et al.* (2020) abordaram o possível relacionamento entre a OCS e o FI. Chayer e Bouffard (2010) examinaram a relação entre a comparação social e os sentimentos impostores de estudantes do ensino médio. Os resultados indicaram que para o gênero masculino houve uma relação positiva entre sentimentos impostores e a comparação social. O estudo conduzido por Ramm (2019) com graduandos de Psicologia apontou que a comparação social a partir das mídias sociais exerce efeitos positivos sobre o FI, à medida que as mídias sociais são canais que facilitam a comparação social ascendente, tanto de habilidades como de opiniões. Por sua vez, Fassl *et al.* (2020) ao abordarem estudantes universitários também identificaram que a OCS está relacionada ao FI.

Nesta pesquisa, hipotetiza-se uma relação inversa na qual o FI apresenta-se como um antecedente da OCS. Defende-se que a comparação social é adotada como uma forma empírica de viabilizar a subestimação das próprias competências e a superestimação das habilidades de terceiros, a fim de perpetuar os sentimentos impostores. Dado que Buunk *et al.* (1990) afirmam que os efeitos da comparação social podem estar atrelados às características da personalidade do indivíduo, propõe-se na Hipótese Teórica 1 (HT1) desta pesquisa que: **Níveis mais elevados de Fenômeno Impostor exercem efeitos positivos sobre a Orientação para a Comparação Social de estudantes de Ciências Contábeis.**

Visto que as pessoas estão inseridas em um mundo no qual os aparelhos tecnológicos e o acesso à internet são abrangentes, tem-se indícios de que as redes sociais podem ser utilizadas como um meio de representação social e como uma ferramenta para realizar comparações sociais (Chou & Edge, 2012). O *cyberloafing* tem sido abordado como um direcionamento atitudinal capaz de maximizar a frequência de uso das mídias sociais, uma vez que, em termos conceituais, o *cyberloafing* é tratado de forma contraproducente (Akbulut, Dönmez, & Dursun, 2017), pois caracteriza o acesso à internet para fins não relacionados às atividades formalmente propostas, como o trabalho ou as atividades educacionais (Baturay & Toker, 2015).

As redes sociais são compreendidas por um fluxo contínuo de informações que são atualizadas diariamente por diferentes usuários e que figuram como um mecanismo retroalimentável que propicia a operacionalização da comparação social (Müller *et al.*, 2020). Appel *et al.* (2016) relatam que a comparação social é onipresente nas redes sociais, pois há uma alta disponibilidade de informações, como o número de amigos, lugares frequentados pelos usuários, fotografias, minicurrículo, entre outras. Há evidências transversais de que a frequência de uso das redes sociais é afetada positivamente pela comparação social (Lee, 2014; Vogel *et al.*, 2015; Vogel, Rose, Roberts, & Eckles, 2014).

Lee (2014) identificou que a frequência de comparação social no Facebook é afetada positivamente pela OCS e que a frequência dos sentimentos negativos oriundos da comparação social no Facebook se associa negativamente à autoestima do indivíduo. Da mesma forma, Vogel *et al.* (2014) identificaram que a frequência de uso do Facebook está relacionada positivamente com as comparações sociais ascendentes e descendentes, e essas, por sua vez, afetam negativamente a autoestima. Vogel *et al.* (2015) confirmam haver uma influência positiva da Orientação para a Comparação Social nos padrões de uso do Facebook. Esses achados conduzem a um possível relacionamento entre a OCS e o *cyberloafing*.

Neste estudo, aborda-se o impulso inato da OCS como um condutor do uso das redes sociais de forma mais intensa especificamente durante as aulas, como forma de *cyberloafing*. A Teoria do Uso Compensatório da Internet fornece elementos para defender esse relacionamento, pois o *cyberloafing* é afetado pelo estado emocional e psicológico do indivíduo (Kardefelt-Winther, 2014), sendo que esse estado é moldado pela OCS (Smith, 2000). Com base nessa discussão, propõe-se a segunda Hipótese Teórica 2 (HT2): **A Orientação para a Comparação Social exerce efeitos positivos sobre o *cyberloafing* praticado em redes sociais por estudantes de Ciências Contábeis durante as aulas.**

A manifestação do FI ocorre a partir de um comportamento cíclico (ciclo do impostor), que reforça esses sentimentos a cada nova experiência em que as habilidades individuais são postas à prova. O ciclo do impostor funciona da seguinte forma: inicialmente, pessoas com crenças impostoras, ao se depararem com desafios profissionais, acadêmicos ou pessoais tendem a adotar dois tipos de estratégias distintas. A primeira estratégia versa sobre o trabalho duro, a adoção de comportamentos *workaholics* e a dedicação extrema para a conclusão das tarefas.

A segunda diz respeito à procrastinação e ao protelamento da execução de tais tarefas. Ambas as estratégias acarretam em modos distintos de assimilação do sucesso quando esse é alcançado, pois, no primeiro cenário, o bom resultado é atribuído ao trabalho duro, enquanto no segundo, à sorte ou ao acaso, e ambos maximizam as pressões internas dos indivíduos perante os desafios futuros, uma vez que o sucesso não é visto como algo inato, mas exógeno às competências do indivíduo (Chassangre & Callahan, 2017).

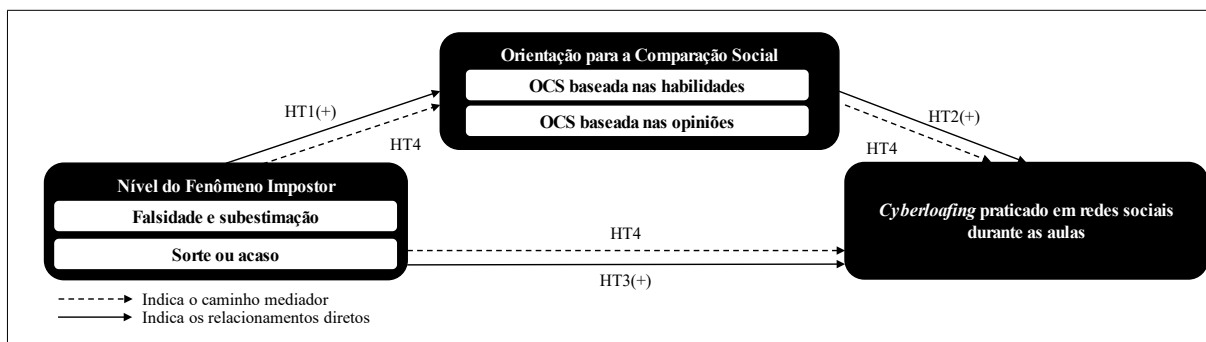
Ao procrastinar suas atividades e compromissos, pessoas com níveis mais intensos de FI acabam realizando uma espécie de autossabotagem, adotada para proteger sua imagem de possíveis falhas, pois se o resultado desejado não for alcançado podem atribuí-lo a esse comportamento procrastinatório em de suas limitações em termos de habilidades funcionais e intelectuais (Clance, 1985; Ramm, 2019). Acredita-se que um dos comportamentos adotados para realizar a procrastinação é o *cyberloafing* em redes sociais, devido ao seu fácil acesso e ampla gama de possibilidades de distrações. Por outro lado, o *cyberloafing* também pode ser adotado por aqueles que se dedicam às atividades de forma árdua como um meio para amenizar às pressões e o estresse vivenciado.

Outro argumento que reforça esse possível relacionamento está pautado no fato de que pessoas com níveis mais elevados de sentimentos impostores possuem intensa necessidade de aceitação social (Ferrari & Thompson, 2006), as redes sociais atuam como um campo em que as interações sociais podem ser maximizadas. Como a imagem digitalmente compartilhada nas redes sociais pode ser alterada e interpretada de diferentes formas, visto que é pautada em um gerenciamento de impressões situacional (Nartgün *et al.*, 2017), indivíduos com níveis mais intensos de impostorismo podem utilizar essas plataformas com maior intensidade, tanto como forma de procrastinação, quanto como meio de realizar o gerenciamento de impressões. Dessa forma, a Hipótese Teórica 3 (HT3) afirma que: **O nível de Fenômeno Impostor exerce efeitos positivos sobre o *cyberloafing* praticado em redes sociais por estudantes de Ciências Contábeis durante as aulas.**



Indivíduos com níveis mais intensos de sentimentos impostores buscam alcançar uma harmonização entre os *feedbacks* que recebem e a sua autopercepção, frequentemente realizam comparações dissonantes da realidade que os levam a crer que não são bons o suficiente. Essas comparações, quando realizadas em redes sociais, podem elevar o uso desse conjunto ferramental, pois os impostores podem dedicar mais tempo à edição dos conteúdos postados em seus perfis nas mídias sociais, a fim de se enquadrarem nas normas sociais percebidas e para manterem o gerenciamento de impressões de suas possíveis fragilidades (Ramm, 2019). Devido a esse relacionamento, acredita-se que a comparação social possa atuar como uma variável mediadora do relacionamento do Fenômeno Impostor com o *cyberloafing*, visto que a OCS pode condicionar as atitudes e os conteúdos compartilhados em tais plataformas on-line a partir do impulso inato em realizar contrastes com o modo de agir e pensar de terceiros. Logo, a Hipótese Teórica 4 (HT4) propõe que: **O nível do Fenômeno Impostor de estudantes de Ciências Contábeis está relacionado positivamente com o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas sendo mediado pela Orientação para a Comparação Social.**

A partir das hipóteses propostas, elaborou-se o modelo teórico relacional testado na pesquisa e apresentado na Figura 1.



**Figura 1.** Modelo Teórico Relacional da Pesquisa

O teste da hipótese de mediação é analisado a partir das condições propostas por Baron e Kenny (1986). A primeira condição exige que as variações nos níveis da variável independente sejam responsáveis pelas variações na presumível variável mediadora (HT1). A segunda condição apregoa que as variações da presumível variável mediadora são responsáveis pelas variações da variável dependente (HT2). Ao testar o caminho mediador, uma relação anteriormente existente entre a variável independente e a variável dependente (HT3) deixa de ser significativa ou é zerada, permanecendo significante os relacionamentos das duas primeiras condições. Caso isso ocorra, então será possível afirmar a existência de mediação total; se a redução não for a zero, então haverá mediação parcial (HT4).

### 3. Percurso Metodológico

#### 3.1 Procedimentos de coleta de dados e participantes

A população do estudo consiste em estudantes brasileiros dos cursos de Ciências Contábeis em atividade e da modalidade presencial, cadastrados no Ministério da Educação (MEC) em 2021. Os 1.639 cursos possuem 227.302 vagas autorizadas. Esse número é uma aproximação da população, na medida em que as vagas autorizadas não representam o quantitativo de estudantes que efetivamente estão matriculados na instituição. A coleta de dados foi operacionalizada na plataforma *Survey Monkey*® nos meses de outubro e novembro de 2021 com envio do convite aos coordenadores de cursos. Foram obtidas 850 respostas, sendo eliminadas as respostas incompletas ou de pessoas que não estavam vinculadas ao curso de interesse da pesquisa ( $n$  excluído = 348). Portanto, a amostra foi composta por 502 participações válidas para a análise.

### 3.2 Instrumentos

Os instrumentos de pesquisa que compuseram o questionário foram:

a) *Orientação para a Comparação Social*: mensurada por meio da escala Iowa-Netherlands Comparison Orientation Measure (INCOM) (Gibbons & Buunk, 1999). A escala foi adaptada e validada culturalmente para o contexto brasileiro seguindo o protocolo de Borsa *et al.* (2012), a partir das fases a seguir: 1) tradução do instrumento do idioma de origem para o idioma-alvo e síntese das versões traduzidas. Participaram dessa etapa cinco tradutores, sendo dois nativos da língua inglesa e com domínio da língua portuguesa; 2) avaliação da síntese das traduções por nove juízes *experts* da área da Psicologia, vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu* de diferentes regiões do país, com experiência na construção, na validação e na avaliação de instrumentos de pesquisa; 3) avaliação do instrumento pelo público-alvo a partir de entrevistas individuais e em conjunto com seis estudantes de Ciências Contábeis; 4) tradução reversa; 5) envio da escala adaptada para a análise do autor original (professor Rick Gibbons); 6) estudo-piloto com nove estudantes; e 7) avaliação da estrutura fatorial (validação psicométrica).

A mensuração das 11 assertivas que compõem a INCOM formam a comparação de habilidades (itens de 1 a 6) e a orientação voltada à comparação de opiniões (itens de 7 a 11), sendo que os itens 5 e 11 são reversos. Exemplo de assertiva: “Se quero aprender mais sobre algo, procuro descobrir o que os outros pensam sobre isso”. Na aplicação da técnica de Modelagem de Equações Estruturais, identificou-se a necessidade de exclusão do item 11 “Eu nunca comparo a minha situação de vida à situação de outras pessoas”, devido à baixa carga externa ( $< 0,40$ ). Uma AFC aplicada individualmente e com a ausência desse item possibilitou a aplicação da MEE e apresentou melhoras nos indicadores fatoriais: 0,505 a 0,832 e índices de ajuste satisfatórios ( $\chi^2$  (gl) = 53,24 (34) - p-value = 0,019;  $\chi^2$ /gl = 1,57; CFI = 0,995; TLI = 0,993; NFI = 0,986; IFI = 0,995; GFI = 0,994; SRMR = 0,041; RMSEA (90% IC) = 0,034 [0,014 – 0,050]; Covariância dos fatores = 0,45 - p-value  $< 0,001$ ) (Hair Jr, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009; Kline, 2005; Marôco, 2014).

*Cyberloafing em redes sociais*: mensurado a partir da dimensão de compartilhamento da escala proposta por Akbulut *et al.* (2016), composta por 9 itens. Também foi realizada a adaptação e validação cultural do instrumento seguindo o protocolo de Borsa *et al.* (2012), compreendido pelas mesmas etapas já explicadas e aplicadas à INCOM. A AFC considerando somente as assertivas de *cyberloafing* indicou cargas fatoriais que variaram de 0,552 a 0,890. Os índices de ajuste foram satisfatórios e apontaram  $\chi^2$ (gl) = 90,566 (27) - p-value  $< 0,001$ ;  $\chi^2$ /gl = 3,35; CFI = 0,981; TLI = 0,974; NFI = 0,973; IFI = 0,981; GFI = 0,989; SRMR = 0,076; RMSEA (90% IC) = 0,069 [0,053 – 0,084] (Hair Jr *et al.*, 2009; Kline, 2005; Marôco, 2014). Exemplo de assertiva: “Eu olho as postagens/posts dos meus amigos nas redes sociais”.

*Fenômeno Impostor*: utilizada a escala Clance Impostor Phenomenon Scale (CIPS), desenvolvida por Clance (1985) e validada por French *et al.* (2008) e Meurer e Costa (2020b). Originalmente, a escala é composta por 20 assertivas, as quais foram mensuradas pelos respondentes. Assim como identificado por French *et al.* (2008) e Meurer e Costa (2020), foi necessária a exclusão dos itens 1, 2, 19 e 20 por apresentarem baixas cargas fatoriais. A versão final foi composta por 16 itens mensurados por meio de escala numérica de 5 pontos. O FI subdivide-se em dois fatores denominados de “Falsidade e subestimação”. Os índices de ajuste do modelo foram satisfatórios e apontaram ( $\chi^2$  (gl) = 124,185 (103) - p-value  $< 0,001$ ;  $\chi^2$ /gl = 1,20; CFI = 0,998; TLI = 0,998; NFI = 0,989; IFI = 0,998; GFI = 0,993; SRMR = 0,043; RMSEA (90% IC) = 0,020 [0,000 – 0,033]) (Hair Jr *et al.*, 2009; Kline, 2005; Marôco, 2014). Exemplo de assertiva: “Se possível, eu evito avaliações e tenho medo de que outras pessoas me avaliem”.

*Preocupações éticas*: o estudo é relacionado a um projeto de conclusão de doutoramento registrado no Comitê de Ética em Pesquisa CEP/SD da instituição dos pesquisadores sob o número inicial 42700921.8.0000. Foi disponibilizado aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual expunha: o anonimato das respostas, a casuística da pesquisa e a liberdade de interrupção da participação a qualquer momento.

*Preocupações metodológicas:* para minimizar o *common method bias* derivado da coleta de dados autorrelatados, com variável dependente e independente sendo coletadas no mesmo momento em um recorte transversal, empregou-se as tratativas sugeridas por Chang *et al.* (2010), em que os blocos do questionário não foram apresentados na ordem dos relacionamentos testados, a fim de não tornar evidente as relações do modelo estrutural. O Teste de Harman também foi utilizado estimando-se uma análise fatorial exploratória (AFE) o qual apontou para a inexistência de multicolineariedade entre os itens (Hair *et al.*, 2014).

A análise de um possível viés de não resposta por aqueles respondentes que preencheram o questionário no final da coleta de dados foi instrumentalizada subdividindo a amostra entre as 251 primeiras (grupo 1) e as 251 últimas (grupo 2) respostas e aplicando um test t para diferenças entre grupos. Af Wählberg e Poom (2015) afirmam que os respondentes que preencheram por último o estudo tendem a se assemelhar com os não respondentes, sustentando a importância do mapeamento de possíveis diferenças no padrão de respostas desses agrupamentos.

Tais tratativas apontam que para o estudo em questão tem-se uma minimização de possíveis vieses metodológicos da pesquisa, visto que não foram encontradas diferenças significantes entre os dois grupos (*p-value* > 0,05).

### 3.3 Técnicas de análise dos dados

Na AFC, utilizou-se o método *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS), a fim de adequar a AFC a dados categóricos derivados da mensuração por meio da escala Likert.

A Modelagem de Equações Estruturais abrangeu o uso de Mínimos Quadrados Parciais Baseado na Variância (*Partial Least Squares Path Modeling* – PLS-PM). A MEE viabiliza a modelação dos relacionamentos de variáveis latentes, bem como a estimação de modelos complexos para dados não normais (Henseler, Ringle, & Sarstedt, 2015). A estimação da amostra mínima foi calculada com o auxílio do *G\*Power 3.1.9.2*® sendo os parâmetros Effect size  $f^2 = 0,15$ , nível de significância de 5% ( $\alpha$  err prob = 0,05), Power ( $1-\beta$  err prob) = 0,95, e o Numbers of predictors = 4 indicando um número mínimo de 129 respondentes para viabilizar o uso da MEE.

Foi realizada uma análise de variância de uma via por meio da ANOVA-One Way, a fim de verificar possíveis diferenças nas facetas da OCS e no *cyberloafing* nos diferentes níveis do FI. O nível de FI foi definido a partir da pontuação obtida na CIPS, sendo de 16 a 32 pontos como “Pouco”, de 33 a 48 pontos “Moderado”, de 49 a 64 pontos “Frequente” e de 65 a 80 como “Intenso”.

Para contornar a não normalidade dos dados identificadas nos testes de Kolmogorov-Smirnov e a ausência de homogeneidade das variâncias vistas no teste de Levene, recorreu-se ao método de *bootstrapping* simples com 1.000 reamostragem, com intervalo de confiança corrigido de 95% e acelerado por viés (BCa). A correção de Welch e a avaliação do *post-hoc* por meio da técnica de Games-Howell foram solicitadas, a fim de contornar a heterogeneidade de variância. Para considerar os níveis de Fenômeno Impostor da amostra em uma análise ampla de possíveis diferenças no nível da rede causal, no nível estrutural, no nível de mensuração e no nível das variáveis latentes, aplicou-se a Group Comparison Approaches baseada no *bootstrap t-test* (Sanchez, 2013).



## 4. Resultados

### 4.1 Análise descritiva

No estudo, 325 (64,74%) participantes se identificaram como pertencentes ao gênero feminino e 177 (35,26%) ao gênero masculino. A média de idade dos respondentes foi de 24,84 anos (Mediana = 22; Desvio-padrão = 7,46), com valor mínimo de 17 anos e máximo de 62 anos; 187 (37,25 %) estudantes frequentam o primeiro ano de curso, seguido de 101 (20,12%) do segundo ano, 90 (17,93%) do terceiro ano, 84 (16,73%) vinculados ao quarto ano e 40 (7,97%) ao quinto ano, visto que em algumas instituições a duração total do curso é de cinco anos. Em relação à localização das instituições de ensino dos respondentes, 237 (47,21%) discentes estão vinculados à Instituição de Educação de Ensino Superior (IES) da região Sul, 94 (18,73%) são do Nordeste, 73 (14,54%) do Centro-Oeste, 59 (11,75%) do Sudeste e 39 (7,73%) do Norte. Referente ao tipo de IES, 378 (75,30%) estão vinculados a instituições de ensino públicas, seguido por 123 (24,50%) de instituições de ensino privadas e um (0,20%) de instituição comunitária.

O WhatsApp é a rede social mais utilizada pelos respondentes ( $n = 257$ ; 51,20%), em segundo figura o Instagram ( $n = 179$ ; 35,66%), seguido, respectivamente, por Twitter ( $n = 22$ ; 4,38%), Facebook ( $n = 15$ ; 2,99%), Tik Tok ( $n = 9$ ; 1,79%), Telegram ( $n = 6$ ; 1,19%), LinkedIn ( $n = 5$ ; 1%) e outros ( $n = 9$ ; 1,79%), representando redes sociais como o YouTube, Discord, Twitch e WeVerse. Somente o WhatsApp (98,80%), Instagram (87,85%) e Facebook (63,94%) são acessados por mais de 50% dos participantes da pesquisa.

Em adição, foi identificado que a maior parcela dos respondentes manifesta sentimentos impostores de forma moderada, com 191 respondentes (38,05%). Em seguida, tem-se o grupo frequente com 153 respondentes (30,48%). Os com poucos sentimentos impostores consubstanciam-se em 113 participantes (22,51%) e, por fim, sentimentos intensos manifestam-se em 45 respondentes (8,96%). Resultados superiores aos de Matos (2014).

### 4.2 Análise multivariada e avaliação das hipóteses

A avaliação da MEE é composta pela análise do modelo de mensuração e do modelo estrutural. Os indicadores de análise do modelo de mensuração, expostos na Tabela 1, avaliam a consistência interna e a independência das variáveis latentes por meio da validade convergente e da validade discriminante.

Tabela 1

#### Modelo de mensuração - Indicadores de validade convergente e validade discriminante

Variáveis e indicadores	1	2	3	4	5
<b>Validade convergente</b>					
Confiabilidade composta	0,928	0,899	0,844	0,820	0,900
Average var. extracted (AVE)	0,503	0,748	0,474	0,536	0,502
<b>Validade discriminante - Critério de Fornell-Larcker e Heterotrait-Monotrait Ratio (HTMT)</b>					
1. FI - Falsidade e subestimação	<b>0,709</b>	0,601	0,573	0,174	0,130
2. FI - Sorte ou acaso	0,524	<b>0,865</b>	0,334	0,131	0,194
3. OCS - Habilidades	0,508	0,278	<b>0,689</b>	0,446	0,222
4. OCS - Opiniões	0,133	0,074	0,335	<b>0,732</b>	0,288
5. CL - <i>Cyberloafing</i>	0,118	0,175	0,207	0,234	<b>0,708</b>
<b>Standardized root mean square residuals (SRMR)</b>					0,062

Nota.  $n = 502$ ; 1ª parte inferior da matriz apresenta a correlação entre os constructos.

Fonte: elaborada pelos autores (2021).

A validade convergente possibilita verificar se as assertivas possuem capacidade de se aglutinar e mensurar a variável latente (Sanchez, 2013). A AVE aponta o quanto da variação dos itens foi considerada na formação da variável latente, sendo recomendados valores acima de 0,50 e aceitos valores acima de 0,40 (Hair Jr. *et al.*, 2014). Com exceção da dimensão de habilidades (AVE = 0,474), todas as demais variáveis alcançaram valores superiores a 0,50. A confiabilidade composta avalia a consistência interna dos itens e atendeu ao parâmetro desejado, sendo superior a 0,70 para todas as variáveis latentes (Sanchez, 2013).

A análise discriminante possibilita mapear a distinção entre as variáveis analisadas, apontando o quanto cada variável se diferencia empiricamente das demais (Hair Jr. *et al.*, 2014). Analisou-se o critério de Fornell-Larcker, no qual a raiz quadrada da AVE do constructo deverá ser superior às correlações com as demais variáveis latentes, o qual foi atendido. Por fim, foi verificado que o Heterotrait-Monotrait Ratio (HTMT) era adequado, visto que todos os valores encontrados estavam abaixo de 0,85. (Henseler *et al.*, 2015)

Examinou-se o modelo estrutural inerente ao relacionamento entre as variáveis latentes a partir da construção teórica do estudo. Na Tabela 2, são apresentados os efeitos obtidos pelo *bootstrapping* com 5.000 reamostragem e os efeitos originais, bem como o *standard error*, o *t-Statistics* e o *p-value* dos relacionamentos verificados somados à variância explicada pelos relacionamentos ( $R^2$ ), ao tamanho do efeito ( $f^2$ ) e à redundância (Mean\_Redundancy – Q). Nesse modelo inicial, denominado de modelo geral, não foram verificadas as possíveis especificidades dos relacionamentos a partir do nível do Fenômeno Impostor. São apresentados o modelo direto e o modelo mediador, a fim de analisar as condições de Baron e Kenny (1986).

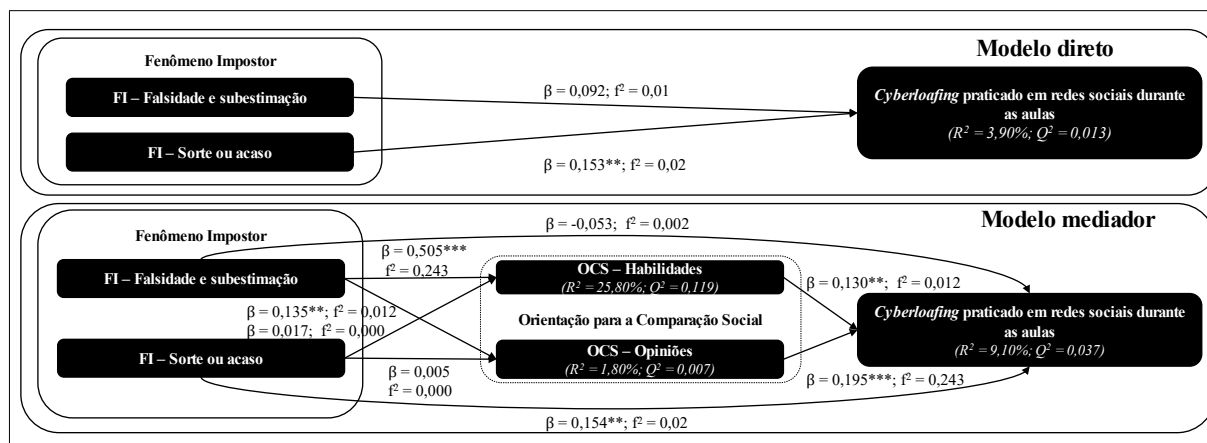
Tabela 2

**Modelo estrutural**

H	Caminhos	Mean.Boot (Original)	p-value	R <sup>2</sup>	f <sup>2</sup>	Decisão da Hipótese
<b>Modelo mediador (conjunto)</b>						
HT1	FI – Sorte ou acaso → OCS - Opiniões	0,005 (0,006)	0,922	1,80%	0,000	Suporte parcial
	FI – Fals. e subestimação → OCS - Opiniões	<b>0,135 (0,129)</b>	<b>0,028</b>		<b>0,012</b>	
	FI – Sorte ou acaso → OCS - Habilid.	0,017 (0,017)	0,701	25,80%	0,000	
	FI – Fals. e subestimação → OCS – Habilid.	<b>0,505 (0,499)</b>	<b>0,000</b>		<b>0,243</b>	
HT2	OCS – Habilidades → <i>Cyberloafing</i>	<b>0,130 (0,128)</b>	<b>0,024</b>	9,10%	<b>0,012</b>	Suportada
	OCS – Opiniões → <i>Cyberloafing</i>	<b>0,195 (0,186)</b>	<b>0,000</b>		<b>0,034</b>	
HT3	FI – Fals. e subestimação → <i>Cyberloafing</i>	-0,053 (-0,052)	0,409	0,002	0,019	Suporte parcial
	FI – Sorte ou acaso → <i>Cyberloafing</i>	<b>0,154 (0,153)</b>	<b>0,004</b>			
<b>Modelo direto (isolado)</b>						
HT4	FI – Fals. e subestimação → <i>Cyberloafing</i>	0,092 (0,071)	0,294	3,90%	0,004	Suporte parcial
	FI – Sorte ou acaso → <i>Cyberloafing</i>	<b>0,153 (0,151)</b>	<b>0,005</b>		<b>0,017</b>	

Fonte: elaborada pelos autores (2021).

A partir das relações identificadas, foi construída a Figura 2, que apresenta as relações testadas.



Nota. H = hipótese; \*\*\* indica significância ao nível de 1%; \*\* indica significância ao nível de 5%.

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

**Figura 2.** Representação dos modelos estruturais

As relações estruturais do modelo mediador indicaram que a dimensão de falsidade e subestimação do FI possui capacidade de exercer efeitos positivos sobre as facetas de comparação de habilidades ( $\beta = 0,505$ ; p-value = 0,000) e comparação de opiniões ( $\beta = 0,135$ ; p-value = 0,028). Referente à dimensão de sorte ou acaso, não foram identificados efeitos significantes sobre os fatores da OCS. Dessa maneira, a hipótese de pesquisa HT1 foi parcialmente suportada.

Os argumentos teóricos discutidos por Clance (1985) e as evidências teóricas e empíricas trazidas por Chayer e Bouffard (2010) ecoam sobre os efeitos ora identificados. Estudantes com níveis mais elevados de FI, especialmente na dimensão de falsidade e subestimação, mostram-se mais propensos a realizar comparação de habilidades e opiniões, sendo o primeiro relacionamento mais intenso. A baixa autoestima e o viés de comparação em termos de subestimação das próprias habilidades coadunam para um cenário incentivador da prática de comparação social. Festinger (1954) discute que a baixa autoestima, o estresse e a insegurança perante as próprias habilidades são marcantes naqueles que realizam comparações sociais de forma frequente. Tais características também são encontradas no perfil dos indivíduos que apresentam sentimentos impostores, o que justifica os relacionamentos identificados (Chayer & Bouffard, 2010).

O fato da sorte ou do acaso não exercer efeitos significantes nas facetas da OCS pode ser vislumbrado a partir de uma perspectiva comportamental, em que a insegurança surgida com os sentimentos de falsidade e subestimação produz consequências na forma com que o indivíduo se autoavalia em relação à terceiros, em especial, definindo como parâmetro de comparação pessoas que julgam ser melhores que elas próprias (Festinger, 1954).

A hipótese de pesquisa HT2 foi suportada pelos efeitos positivos exercidos pela OCS em suas dimensões de comparação de habilidades ( $\beta = 0,130$ ; p-value = 0,024) e comparação de opiniões ( $\beta = 0,195$ ; p-value = 0,000) sobre o *cyberloafing* manifestado pelos estudantes nas redes sociais durante as aulas.

A criação de conteúdo, a interação com amigos e seguidores e a leitura de atualizações em *stories* e *feeds*, entre inúmeras outras funções, faz com que as redes sociais ofereçam um fluxo contínuo de informações que podem ser acessadas a qualquer momento e utilizadas como objetos de comparação por aqueles que possuem níveis mais elevados de OCS. Desse modo, foram suportados os relacionamentos propostos pela segunda hipótese da pesquisa.

Esses resultados adicionam evidências conjuntas ao estudo de Lee (2014) *influence on self-esteem/self-confidence, and efficient decision making*, Vogel *et al.* (2014) e Vogel *et al.* (2015), que indicaram que a OCS afeta o uso das redes sociais de forma positiva. Em termos teóricos, a prática de *cyberloafing* em redes sociais durante as aulas ser fomentada pela OCS confirma as proposições de Festinger (1954) acerca do impulso inato e da busca por canais variados, a fim de almejar informações para a prática de OCS. Respalda-se ainda na Teoria do Uso Compensatório da Internet, visto que a OCS é capaz de gerar sentimentos negativos, que direcionam o comportamento escapista na busca por bem-estar a partir do acesso às redes sociais. Avança também em relação aos achados existentes na literatura, em especial no âmbito teórico, ao indicar o ponto de intersecção entre a Teoria do Uso Compensatório da Internet, de Kardefelt-Winther (2014), e a Teoria do Processo de Comparação Social, de Festinger (1954), visto que (1) a OCS conduz a busca por informações interpessoais e (2) as redes sociais são espaços capazes de aliviar, em um primeiro momento, emoções negativas vivenciadas pelos indivíduos, sendo esses pressupostos defendidos, respectivamente, por tais teorias, que interagem nesta pesquisa.

A terceira hipótese do estudo (HT3) foi parcialmente suportada, visto que a dimensão de sorte ou acaso exerceu efeitos positivos e significantes sobre o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas ( $\beta = 0,130$ ;  $p\text{-value} = 0,024$ ). Como detalhado por Clance (1985) e aprofundado por Chassangre e Callahan (2017), pessoas com FI se prendem a um ciclo comportamental de trabalho extremo ou protelação das atividades.

Sob a lente desse ciclo, a prática de *cyberloafing* em redes sociais durante as aulas pode ser adotada como uma forma de autossabotagem no intuito de perpetuar os sentimentos impostores. No âmbito macro, pessoas com níveis mais elevados de FI possuem uma necessidade ínsita de aceitação social (Ferrari & Thompson, 2006), sendo que as redes sociais aparecem como uma forma de atender a essas necessidades, inclusive durante as aulas.

A avaliação da HT4 foi direcionada pelas condições estabelecidas por Baron e Kenny (1986). Verificou-se que a primeira condição de relacionamento positivo entre a variável independente e a presumível variável mediadora foi atendida para os caminhos FI – Falsidade e subestimação → OCS – Opiniões ( $\beta = 0,135$ ;  $p\text{-value} = 0,028$ ) e FI – Falsidade e subestimação → OCS – Habilidades ( $\beta = 0,505$ ;  $p\text{-value} = 0,000$ ). A segunda condição diz respeito ao fato da presumível variável mediadora exercer efeitos sobre a variável dependente, nesse caso os caminhos OCS – Habilidades → *Cyberloafing* ( $\beta = 0,130$ ;  $p\text{-value} = 0,024$ ) e OCS – Opiniões → *Cyberloafing* ( $\beta = 0,195$ ;  $p\text{-value} = 0,000$ ) atenderam tal condição. A terceira condição apregoa que no modelo com caminho mediador o efeito da variável independente na variável dependente será reduzido ou zerado, permanecendo significativo os relacionamentos das duas primeiras condições. Nesse caso, apesar de haver um relacionamento significativo no caminho FI – Sorte ou acaso → *Cyberloafing* ( $\beta = 0,153$ ;  $p\text{-value} = 0,005$ ), a mediação não pode ser suportada, visto que há um leve aumento do efeito desse relacionamento no modelo mediador ( $\beta = 0,154$ ;  $p\text{-value} = 0,004$ ), e não há significância nos relacionamentos entre FI – Sorte ou acaso com as facetas da OCS.

Nesse sentido, o relacionamento direto entre FI e *cyberloafing* suporta parcialmente a HT4, porém não confirma o efeito mediador da OCS nessa relação. Nota-se que o caminho indireto entre Fenômeno Impostor → Orientação para a Comparação Social → *Cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas apresenta diferentes relacionamentos significantes e aumenta o percentual da variância da variável dependente explicado pelas variáveis independentes, visto que há uma elevação no  $R^2$  de 3,90% para 9,10%.

Logo, o resultado indica que a OCS não é uma condição capaz de minimizar os efeitos diretos do relacionamento entre FI e o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas, mas é uma condição que maximiza o poder explicativo do relacionamento entre FI e *cyberloafing*, fazendo parte de uma mesma cadeia relacional, não podendo ser ignorada a sua capacidade de se relacionar com tais variáveis. O FI e a OCS atuam em conjunto, exercendo efeitos positivos sobre o *cyberloafing* praticado durante as aulas e merecem ser observados de modo conjunto.

Para verificar diferenças entre a OCS e o *cyberloafing*, a partir do nível de FI, testou-se inicialmente a normalidade dos dados por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk ( $p$ -value < 0,050), e a ausência de homogeneidade das variâncias foi confirmada para o *cyberloafing* (Levene = 3,368;  $p$ -value < 0,050). A ANOVA One way com Correção de Welch indicou a existência de diferenças na média de OCS habilidades ( $F = 38,080$ ;  $p$ -value < 0,000), OCS opiniões ( $F = 4,960$ ;  $p$ -value < 0,003) e *cyberloafing* ( $F = 3,364$ ;  $p$ -value < 0,020). Então, fez-se uso da *Group Comparison Approaches*, para verificar possíveis diferenças entre os relacionamentos testados a partir dos agrupamentos por nível do Fenômeno Impostor, sendo que ao isolar esses agrupamentos os coeficientes de determinação do  $R^2$  não foram diferentes entre si.

De modo geral, embora os relacionamentos apresentassem diferenças numéricas, a interação do FI  $\rightarrow$  OCS  $\rightarrow$  *Cyberloafing* são similares entre os grupos, o que implica em um modelo geral mais consistente para fins de análise.

## 5. Implicações, Limitações e Caminhos Futuros

Em avanço às discussões teóricas, os resultados direcionam luz às especificidades dos relacionamentos ora testados. A sensação de falsidade e subestimação das próprias capacidades é um incentivador da OCS de habilidades e opiniões. Respaldam-se esses achados nos preceitos delineados por Clance (1985) e que podem ser combinados com aqueles apregoados por Festinger (1954), em que pessoas inseguras com suas próprias capacidades tendem a se comparar e, por vezes, superestimar as habilidades de terceiros e subestimar as próprias habilidades, competências e, nesse caso, as opiniões também.

Estudantes de Contabilidade com maior nível de OCS tendem a praticar *cyberloafing* em redes sociais durante as aulas. Apesar de não ser foco da pesquisa o estudo de outros ambientes sociais, esses resultados mostram que o *cyberloafing* pode ser realizado como uma busca por fontes de informações para a realização de comparação social. Além disso, as inseguranças ocasionadas pelo FI propulsionam a orientação para a comparação social, sendo uma contribuição da pesquisa para o campo de estudo.

A dimensão de sorte ou acaso do FI afeta de forma positiva o *cyberloafing* praticado por estudantes em redes sociais durante as aulas. Os estudantes de Ciências Contábeis, participantes da pesquisa, que atribuem seu sucesso à sorte ou ao acaso possuem maior tendência a se envolverem na protelação da tarefa, justificando o fato de praticarem *cyberloafing* em redes sociais durante as aulas como uma forma de operacionalizar seu ciclo de impostorismo.

A partir desses achados, implicações práticas são direcionadas. A gestão do *cyberloafing* durante as aulas é difícil, devido ao fácil alcance aos dispositivos tecnológicos e a internet. O contexto em que este estudo foi realizado intensifica esse cenário, pois a pandemia da Covid-19 implicou no uso da educação remota como uma forma de contornar o isolamento social. Entretanto, não se pode eximir as instituições de ensino e os próprios estudantes de observarem as possíveis consequências adversas do *cyberloafing*.

Danos ao processo de aprendizagem, sobrecarga psicológica sobre os estudantes e o desengajamento acadêmico são derivados desse comportamento, sendo relevante observar as variáveis que o antecedem. Promover o acompanhamento psicológico, realizar o compartilhamento de experiências e conscientizar os discentes acerca do uso consciente das redes sociais, bem como dos perigos da comparação social excessiva são ações aconselháveis às IES, aos docentes e às pessoas próximas aos estudantes. Incluir esses direcionamentos nos planos políticos pedagógicos apresenta-se como uma oportunidade de registro da importância da temática nos canais estruturais dos cursos de Ciências Contábeis e uma forma de direcionar grupos de apoio, a fim de observar esses elementos frente aos discentes.

Portanto, a promoção de rodas de conversas com profissionais especializados na temática, a disponibilização de acompanhamento psicológico de fácil acesso, como atendimentos on-line, o incentivo a novas pesquisas acerca do assunto e o uso das redes sociais alinhado às metodologias de ensino são oportunidades para a implementação de ações práticas no contexto universitário.



A amostra consistiu em estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis, definida de forma não probabilística, o que impede a generalização para além dos participantes da pesquisa. A natureza transversal também implica em limitações, visto que reflete o estado do indivíduo no momento da coleta de dados. O fato dessa coleta ter sido realizada em um período pandêmico dificultou o acesso aos respondentes e apresenta-se como uma limitação não gerenciável, configurando a amostra como não representativa de toda a sua população. Estudos futuros podem investigar os efeitos do *cyberloafing* no bem-estar dos estudantes, além de realizar um levantamento acerca das políticas de uso de dispositivos tecnológicos durante as aulas, bem como dos canais de acompanhamento psicológicos dos discentes.

A coleta de evidências por meio de rodas de conversas e investigações acerca das estratégias de enfrentamento do *cyberloafing* durante as aulas, bem como a análise da relação do *cyberloafing* no ambiente acadêmico com demais constructos comportamentais são oportunidades de avanço para a temática. Além disso, o papel das variáveis sociodemográficas nesse processo é uma possibilidade para estudos futuros.

## 6. Conclusão

O uso de dispositivos tecnológicos é onipresente e se tornou comum durante as aulas, inclusive para fins de distração. A pesquisa mostrou que esse comportamento não é isolado e é impulsionado por aspectos psicológicos, como o Fenômeno Impostor, em especial em sua dimensão de sorte ou acaso, e pela Orientação para a Comparação Social. Ao indicar que o *cyberloafing* nas redes sociais realizado durante as aulas pode ser uma atitude escapista dos discentes e que a OCS se relaciona com esse comportamento, tem-se a oportunidade de buscar formas de contornar este comportamento a partir das suas variáveis antecedentes e promover um processo de ensino-aprendizagem mais proveitoso. A pesquisa contribui no âmbito nacional ao incitar o estudo, ainda incipiente do *cyberloafing* no ambiente universitário, e no âmbito internacional ao posicionar o Fenômeno Impostor como o fator-chave que exerce efeitos sobre a OCS e o *cyberloafing* praticado durante as aulas.

## Referências

- af Wählberg, A. E., & Poom, L. (2015). An Empirical Test of Nonresponse Bias in Internet Surveys. *Basic and Applied Social Psychology*, 37(6), 336–347.
- Akbulut, Y., Dönmez, O., & Dursun, Ö. Ö. (2017). and social desirability bias among students and employees. *Computers in Human Behavior*, 72, 87–95.
- Akbulut, Y., Dursun, Ö. Ö., Dönmez, O., & Şahin, Y. L. (2016). In search of a measure to investigate cyberloafing in educational settings. *Computers in Human Behavior*, 55, 616–625.
- Alt, D. (2017). Students' social media engagement and fear of missing out (FoMO) in a diverse classroom. *Journal of Computing in Higher Education*, 29, 388-410.
- Appel, H., Gerlach, A. L., & Crusius, J. (2016). The interplay between Facebook use, social comparison, envy, and depression. *Current Opinion in Psychology*, 9(June), 44–49.
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173–1182.
- Baturay, M. H., & Toker, S. (2015). An investigation of the impact of demographics on cyberloafing from an educational setting angle. *Computers in Human Behavior*, 50, 358–366.
- Blanchard, A. L., & Henle, C. A. (2008). Correlates of different forms of cyberloafing: The role of norms and external locus of control. *Computers in Human Behavior*, 24(3), 1067–1084.

- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Cross-Cultural Adaptation and Validation of Psychological Instruments : Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas : Algumas Considerações Adaptación y Validación de Instrumentos Psicológicos entre Culturas : Algunas Consideraciones. *Paidéia*, 22(53), 423–432.
- Bravata, D. M., Watts, S. A., Keefer, A. L., Madhusudhan, D. K., Taylor, K. T., Clark, D. M., ... Hagg, H. K. (2020). Prevalence, Predictors, and Treatment of Impostor Syndrome: a Systematic Review. *Journal of General Internal Medicine*, 35(4), 1252–1275.
- Buunk, B. P., Collins, R. L., Taylor, S. E., VanYperen, N. W., & Dakof, G. A. (1990). The Affective Consequences of Social Comparison: Either Direction Has Its Ups and Downs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1238–1249.
- Chang, S. J., Van Witteloostuijn, A., & Eden, L. (2010). From the Editors: Common method variance in international business research. *Journal of International Business Studies*, 41(2), 178–184.
- Chassangre, K., & Callahan, S. (2017). « J'ai réussi, j'ai de la chance... je serai démasqué » : revue de littérature du syndrome de l'imposteur. *Pratiques Psychologiques*, 23(2), 97–110.
- Chayer, M. H., & Bouffard, T. (2010). Relations between impostor feelings and upward and downward identification and contrast among 10- To 12-year-old students. *European Journal of Psychology of Education*, 25(1), 125–140.
- Chou, H. T. G., & Edge, N. (2012). “They are happier and having better lives than I am”: The impact of using facebook on perceptions of others’ lives. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(2), 117–121. <https://doi.org/10.1089/cyber.2011.0324>
- Clance, P. R. (1985). *The impostor phenomenon: Overcoming the fear that haunts your success*. Atlanta, GA: Peachtree.
- Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 15(3), 241–247.
- Clance, P. R., & O’Toole, M. A. (1987). The Imposter Phenomenon. *Women & Therapy*, 6(3), 51–64.
- Cramer, E. M., Song, H., & Drent, A. M. (2016). Social comparison on Facebook: Motivation, affective consequences, self-esteem, and Facebook fatigue. *Computers in Human Behavior*, 64, 739–746.
- Fassl, F., Yanagida, T., & Kollmayer, M. (2020). Impostors Dare to Compare: Associations Between the Impostor Phenomenon, Gender Typing, and Social Comparison Orientation in University Students. *Frontiers in Psychology*, 11(June), 1–10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01225>
- Ferrari, J. R., & Thompson, T. (2006). Impostor fears: Links with self-presentational concerns and self-handicapping behaviours. *Personality and Individual Differences*, 40(2), 341–352.
- Festinger, L. (1954). *Festinger, L. (1954) “A Theory of Social Comparison Processes”.pdf*. 7(2), 117–140.
- French, B. F., Ullrich-French, S. C., & Follman, D. (2008). The psychometric properties of the Clance Impostor Scale. *Personality and Individual Differences*, 44(5), 1270–1278.
- Gibbons, F. X., & Buunk, B. P. (1999). Individual differences in social, comparison: development and validation of a measure of comparison orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 129–142.
- KH, A., & Menon, P. (2022). Impostor syndrome: An integrative framework of its antecedents, consequences and moderating factors on sustainable leader behaviors. *European Journal of Training and Development*, 46(9), 847–860.
- Hair, J. F. J., Hult, G. T. M., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2014). A Primer on Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM). In *Long Range Planning* (Vol. 46).

- Hair Jr, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Henseler, J., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2015). A new criterion for assessing discriminant validity in variance-based structural equation modeling. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 43(1), 115–135.
- Houseknecht, V. E., Roman, B., Stolfi, A., & Borges, N. J. (2019). A Longitudinal Assessment of Professional Identity, Wellness, Imposter Phenomenon, and Calling to Medicine Among Medical Students. *Medical Science Educator*, 493–497.
- Kardefelt-Winther, D. (2014). A conceptual and methodological critique of internet addiction research: Towards a model of compensatory internet use. *Computers in Human Behavior*, 31(1), 351–354.
- Kim, S. J., & Byrne, S. (2011). Conceptualizing personal web usage in work contexts: A preliminary framework. *Computers in Human Behavior*, 27(6), 2271–2283.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Kuselias, S., Lauck, J. R., & Williams, S. (2021). Social Media Content and Social Comparisons: An Experimental Examination of their Effect on Audit Quality. *AUDITING: A Journal of Practice & Theory*, 40(1), 55–72. <https://doi.org/https://doi.org/10.2308/AJPT-18-154>
- Lee, S. Y. (2014). How do people compare themselves with others on social network sites?: The case of Facebook. *Computers in Human Behavior*, 32, 253–260.
- Lima, J. P. R., Vendramin, E. de O. & Miranda, C de S. (2021). Quem tem medo de se comunicar? Análise da apreensão na comunicação de estudantes de Ciências Contábeis. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 16(1), 105-120. [https://doi.org/10.21446/scg\\_ufrj.v0i0.30366](https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v0i0.30366)
- Liu, Z., Elliot, A. J., & Li, Y. (2020). Social comparison orientation and trait competitiveness: Their interrelation and utility in predicting overall and domain-specific risk-taking. *Personality and Individual Differences*, (October), 110451.
- Marôco, J. (2014). *Análise de Equações Estruturais - Fundamentos Teóricos, Software e Aplicações* (2ª). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, P. A. V. C. de. (2014). *Síndrome do Impostor e Auto-Eficácia de Minorias Sociais: Alunos de Contabilidade e Administração* (Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Contabilidade - Universidade de São Paulo).
- Meier, J.-H., Esmatyar, W., & Sarpong, C. (2019). Business partner vs. bean counter. Do the personality traits of accounting students meet contemporary business requirements? *Zeszyty Teoretyczne Rachunkowości*, 2019(104 (160)), 51–60.
- Meurer, A. M., & Costa, F. (2020). Behold the best and worst of me: The impostor phenomenon and academic behavior in the business area. *Revista Contabilidade e Finanças*, 31(83), 348–363.
- Meurer, A. M., & Costa, F. (2022). Compartilhar, curtir, navegar e não estudar! Cyberloafing de estudantes de Ciências Contábeis. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33(90), 1–16. <https://doi.org/10.1590/1808-057x20221581.en>
- Müller, S. M., Wegmann, E., Stolze, D., & Brand, M. (2020). Maximizing social outcomes? Social zapping and fear of missing out mediate the effects of maximization and procrastination on problematic social networks use. *Computers in Human Behavior*, 107, 106296.
- Nartgün, Ş. S., Ekinci, S., Limon, İ., & Tükel, H. (2017). Teachers' Views on Cyberloafing and Impression Management. *Journal of Education and Practiceducation and Practice*, 8(3), 28–36.

- Pulliam, N., & Gonzalez, C. E. (2018). Success or Fraud? Exploring the Impacts of the Impostor Phenomenon Among High Achieving Racial/Ethnic Minority and First-Generation College Students. *Journal of Access, Retention, and Inclusion in Higher Education*, 1, 33–45.
- Ramm, E. R. (2019). Compare with care: The impact of social media on predictors of impostor feelings. California State University.
- Roberts, M., Shah, N. S., Mali, D., Arquero, J. L., Joyce, J., & Hassall, T. (2022). The use and measurement of communication self-efficacy techniques in a UK undergraduate accounting course. *Accounting Education*, 23(6), 1-29.
- Royal Society for Public Health. (2017). Social media and young people's mental health and wellbeing. *Royal Society for Public Health*, (May), 32. Retrieved from <https://www.rsph.org.uk/static/uploaded/d125b27c-0b62-41c5-a2c0155a8887cd01.pdf>
- Sanchez, G. (2013). *PLS path modeling with R*. Retrieved from <http://www.gastonsanchez.com/PLS Path Modeling with R.pdf%0Ai>
- Smith, R. H. (2000). Assimilative and Contrastive Emotional Reactions to Upward and Downward Social Comparisons. In *Handbook of Social Comparison* (pp. 173–200).
- Vogel, E. A., Rose, J. P., Okdie, B. M., Eckles, K., & Franz, B. (2015). Who compares and despairs? The effect of social comparison orientation on social media use and its outcomes. *Personality and Individual Differences*, 86, 249–256.
- Vogel, E. A., Rose, J. P., Roberts, L. R., & Eckles, K. (2014). *Social comparison, social media, and self-esteem.* DISCOVER. 3(4), 206–222.
- Yaşar, S., & Yurdugül, H. (2013). The Investigation of Relation Between Cyberloafing Activities and Cyberloafing Behaviors in Higher Education. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 83, 600–604.